

## 5. A Pesquisa

A pesquisa teve como objetivo tentar entender como se dá a relação das travestis com a religião; se aderem a alguma, se freqüentam espaços religiosos, se são aceitas nestes. Este objetivo se deu após a leitura de estudos sobre a violência e exclusão sofridas pelos sujeitos travestis, em livros como o de Silva (1993).

A pesquisa foi qualitativa. Para a coleta de dados, foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, conduzidas por um roteiro. Estas variavam de duração, de acordo com os entrevistados; em média, duravam cinquenta minutos, podendo se estender caso as travestis quisessem comentar mais detalhadamente algum ponto específico.

A pesquisa compreendeu dois momentos (concomitantes):

No primeiro, houve a pesquisa documental. Procurei livros e artigos relacionados ao tema travesti. Os livros encontrados foram basicamente os tratados de antropologia sobre o assunto, tais como Silva (1993) e outros. Pesquisei artigos acadêmicos na Internet. Foram encontrados alguns que tratavam sobre o tema, como o de Peres (2008); outros artigos que, embora não inteiramente dedicados á temática acerca das travestis, discorriam sobre a homossexualidade em geral e questões de gênero, como os de Butler (2003). Também livros que discorriam sobre questões importantes na vida das travestis, como as de violência e de exclusão (Por exemplo, Denizart, 1997). Li com maior interesse a autora, Hannah Arendt, que discorreu de forma excelente sobre a situação dos 'inúteis para o mundo' e defendeu a singularidade como aspecto fundamental para a sociedade humana.

Entrei em contato com pesquisadores, que escreveram trabalhos acadêmicos de graduação, dissertações e teses que resenhei, conforme visto em capítulo anterior: Marcelo Natividade, por telefone; Larissa Pelúcio e William Peres, através de e-mail (todos em 2008). Os contatos foram importantes; eles indicaram-me outros pesquisadores, enviaram-me por e-mail dissertações e teses recentes sobre travestis. Também pude, com eles, trocar algumas idéias sobre a

dissertação, pedindo-lhes opinião em alguns pontos, como por exemplo, se tinham conhecimento acerca da participação de alguma travesti em igrejas inclusivas. Foram perguntas sobre a relação travesti/ religião, primordialmente; se sabiam de algum trabalho sobre o tema ou poderiam informar sobre a religiosidade das travestis. Todos muito atenciosos. Também contatei dezenas de entidades, pela Internet, como a AP (de judeus), a ASTRA-Rio, a ASTRA do Ceará e Arco-Íris. As perguntas foram as mesmas feitas aos pesquisadores. Quase todas as entidades responderam e-mails e mostraram muita cortesia comigo. Infelizmente, a maior parte delas relatou ignorar dados sobre a questão travesti/ religião.

O segundo momento foi o de procurar indivíduos para as entrevistas. Entrevistei três grupos: as travestis, os líderes religiosos e os freqüentadores dos espaços religiosos (os leigos). Para cada um destes grupos, um tipo de entrevista foi pensado, já que o enfoque das perguntas foi diferente.

Foram entrevistadas quarenta travestis. As primeiras travestis entrevistadas (cinco) foram usuárias de um Hospital Universitário no Centro do Rio. Já conhecia algumas delas; possuía seus contatos, pois tinha realizado, com elas, entrevistas para o curso de *Atendimento à criança e adolescente vítimas de violência doméstica*. Fiz parte do Pré-Congresso GLBT e do Congresso LGBT, na UERJ. Lá, conheci três travestis que me concederam entrevistas. Em seguida, entrei em contato com o Projeto Damas. Participei de uma reunião deste, em agosto de 2008, no bairro de Laranjeiras. Eram ao todo dezessete travestis presentes, no dia em questão (uma quarta-feira). Sete travestis muito atenciosamente se dispuseram a conceder entrevistas.

As travestis entrevistadas nestes três locais indicaram-me outras: com quem dividiam quartos em hotéis ou colegas de rua. Através de e-mails cedidos por aquelas, entrei em contato pela Internet e, posteriormente, encontrei pessoalmente e realizei as entrevistas. Por indicação de um líder budista, entrei em contato com duas travestis que freqüentavam uma sede budista no bairro de Botafogo.

Com exceção de uma indicada, que travei conhecimento via Orkut - que se recusou a concessão de entrevistas, pois escreveu-me dizendo que eu era 'um evangélico homofóbico' (sic) e que se recusava a falar com pessoas do meu 'tipo'

(sic) -, todas foram extremamente atenciosas e educadas; algumas vezes, terminaram por me convidar para alguma atividade social extra-acadêmica.

Para as travestis, o tema predominante foi sua relação com a religião; a violência e exclusão social também apareceram com frequência nas entrevistas. Com o decorrer das entrevistas, alguns itens foram mudados. Assim, em seis entrevistas, após expor a temática da religião, não perguntei mais sobre a religião em si; as entrevistadas mostraram-se desapontadas com as religiões, principalmente as cristãs, que demonstravam para com elas um alto nível de rejeição em seus quadros. Passei, em um segundo momento, a perguntar sobre a relação com Deus. Esta mudança de perspectiva teve efeito positivo e elas passaram a falar mais abertamente sobre a sua religiosidade. As seis terminaram mesmo declarando sua religião, que era cristã.

Nem todas as entrevistas foram gravadas; em alguns casos, o desconforto em saberem da gravação fez com que eu optasse por entrevistar sem o uso de gravadores. No entanto, sublinho que não houve de parte delas qualquer negação em gravar a entrevista. Mas, como seis travestis não se sentiram à vontade, optei por não gravar, para que a entrevista corresse de forma mais tranqüila, o que permitiria melhores resultados.

Nas primeiras entrevistas realizadas em hospital universitário localizado no bairro da Lapa, as travestis mostraram-se desconfiadas; queriam saber para que exatamente seria a pesquisa, se seria necessário tirar fotos delas e se estas seriam veiculadas em sites pornôis da Internet. Respondia-lhes que não; no meio da entrevista, este questionamento novamente era feito; eu assegurava que nem tiraria fotos, portanto não haveria o menor risco de serem expostas. Além disso, os nomes nas entrevistas seriam trocados; não haveria nenhuma exposição delas.

Embora a questão que norteasse a pesquisa fosse a relação delas com a religião, dois temas apareceram de forma recorrente em suas falas: a violência e a exclusão.

Tinha escolhido o tema da religião como uma possível oportunidade de inclusão social delas; todo o material que tinha lido antes mostrava a exclusão que

sofriam<sup>47</sup>. Preliminarmente, procurei indagar sobre seu passado, desde a época da infância até a fase em que adotaram a identidade travesti. Após montar uma linha do tempo cronológica, com os fatos importantes e as idades que possuíam na época, fiz perguntas sobre o seu dia-a-dia atual. Nestas, procurei saber aonde moravam, quais locais freqüentavam, com quem se relacionavam. Finalmente, após um levantamento de sua vida atual, perguntei sobre a questão religiosa: se possuíam alguma, se freqüentavam algum templo, se eram aceitas, se sofriam algum tipo de discriminação.

De acordo com as informações das travestis (acerca de sua religião), procurei líderes e leigos das religiões por elas citadas, para entender suas posições acerca da travestilidade. Já que procurava saber se a religião seria propiciadora de inclusão social para o público *trans*, procurei efetivamente conhecer o pensamento e posicionamento dos membros das Igrejas; se acolheriam as travestis, qual visão que os membros e a doutrina religiosa possuíam a respeito delas.

Entrevistei cinco líderes de cada religião, com exceção da *wicca* e daqueles das igrejas inclusivas. Da *wicca*, apenas uma pessoa foi encontrada; das igrejas inclusivas, dois pastores. Sublinho que as religiões foram as mencionadas pelas travestis. Exceção feita em relação á igrejas inclusivas, não citadas por aquelas.

Também entrevistei sessenta e sete leigos (não travestis): dez católicos, dez evangélicos, dez umbandistas, dez candomblecistas, dez espíritas, dez budistas, cinco de igrejas inclusivas e duas *wicca*<sup>48</sup>. Não houve nenhuma objeção por parte de nenhum dos entrevistados de que fossem gravadas as entrevistas. Uma, no entanto, realizada com um leigo budista (em um bar na Praia do Flamengo) não foi, devido a problemas com a pilha do gravador. Outro entrevistado, também budista, concedeu entrevista por telefone. Portanto, também não houve gravação.

---

<sup>47</sup> Conforme autores como Silva (1993) e Denizart (1997).

<sup>48</sup> Tinha como objetivo um número igual de entrevistados. No entanto, foram poucas as praticantes *wicca* que aceitaram comentar sobre sua religião com um não 'iniciado'.

Meu objetivo foi constatar quais as religiões que efetivamente aceitavam-nas dentro de seus quadros.

Por isso, para os líderes, foi perguntado basicamente qual a posição de sua religião em relação à travestilidade e se conheciam alguma que freqüentasse os templos; para os leigos, as mesmas perguntas, tentando entender a prática da fala dos líderes no dia-a-dia dos templos. Isto porque, mesmo que uma religião teoricamente as aceite, não quer dizer que o mesmo ocorra no cotidiano. Este fato ficou bem clarificado em relação aos umbandistas e candomblecistas. Embora 100% dos líderes (destas religiões) tenham afirmado a aceitação das travestis, o mesmo só ocorre por parte dos leigos com algumas restrições; elas só podem, geralmente, freqüentar os rituais se estiverem vestidas como heterossexuais e não de forma feminina (com adereços, como brincos). Embora não fosse o foco da pesquisa, visto que se trata da relação travestis e religião, entendo os questionários dos religiosos como um dado a mais para a compreensão da forma com que isto se dá, vendo também a opinião dos 'incluídos'.

O roteiro foi estabelecido no sentido de entender basicamente a relação das travestis com a religião. Elas possuem alguma? Seria importante para elas um vínculo com alguma religião? Como eram recebidas pelos membros destas religiões? Haveria exclusão também por partes destes? A religião poderia propiciar um sentimento de pertença a um grupo, além daquele estigmatizado com quem convivem diariamente? Isto possibilitaria algum tipo de empoderamento<sup>49</sup>, que se estenderia para outras atividades sociais delas no dia-a-dia?<sup>50</sup>

Antes de enumerar as respostas, gostaria de expor um fato; todas as travestis entrevistadas, além destas respostas, fizeram questão de explicar seu dia-dia e mostrar a violência que sofrem não apenas no âmbito da religião. Fizeram questão

---

<sup>49</sup> Empoderamento refere-se à capacidade das pessoas decidirem sobre questões importantes nos vários âmbitos de suas vidas, como econômico e psicológico (Horochovski; Meirelles, 2008).

<sup>50</sup> Foi a partir das religiões citadas em suas falas, que busquei os líderes e leigos destas para entrevistas. Exceção para o budismo. Uma conhecida minha, informalmente, relatou saber de uma travesti budista no Rio de Janeiro. A partir daí, entrei em contato com a referida, que me indicou outra, também budista.

(a meu ver, uma necessidade de falar sobre sua vida) de revelar como foi sua infância, adolescência, passagem pelos colégios e a violência cotidiana (como não poderem simplesmente, às vezes, ir ao mercado sem serem xingadas e humilhadas).

Os dados obtidos com estas informações se coadunam com os dados relatados em livros como o de Silva (1993) e teses como a de Larissa Pelúcio (2008), em relação à expulsão de casa, do colégio e chegada às ruas.

Não entrarei em detalhes maiores sobre estes dados, visto que esta pesquisa é focada na relação das religiões com as travestis. No entanto, como estas falas aparecem constantemente nas entrevistas, não pude deixar de registrá-las aqui, mesmo que de forma sucinta.

## 5.1. Travestis

### 5.1.1. Quadro I: Dados sobre as travestis – Idade, religião, moradia, principal renda e principal local de socialização

Nome	Idade	Religião	Moradia	Principal renda	Principal local de socialização
<b>Aline</b>	31	<i>Wicca</i>	Lapa	Programa	Pista
<b>Alessandra</b>	32	Católica	Lapa	Programa	Pista
<b>Amanda</b>	29	Evangélica	Lapa	Programa	Pista
<b>Ana Carla</b>	28	Católica	Lapa	Programa	Pista
<b>Bárbara</b>	28	Umband.	Baixada	Programa	Pista
<b>Berenice</b>	31	Evangélica	Lapa	Programa	Pista

<b>Brigitte</b>	34	Católica	Lapa	Programa	Pista
<b>Camila</b>	31	Evangélica	Baixada	Cabeleireira	Arredores de casa
<b>Carla</b>	34	Católica	Baixada	Cabeleireira	Arredores de casa
<b>Carolina</b>	32	Católica	Baixada	Cabeleireira	Pista
<b>Clarice</b>	29	Evangélica	Lapa	Programa	Pista
<b>Cristiana</b>	28	Candombl.	Lapa	Programa	Pista
<b>Cynthia</b>	30	Candombl.	Baixada	Programa	Pista
<b>Débora</b>	30	Candombl.	Baixada	Programa	Arredores de casa
<b>Diane</b>	30	Candombl.	Baixada	Programa	Pista
<b>Domênica</b>	30	Evangélica	Baixada	Programa	Arredores de casa
<b>Dulcinéa</b>	30	Espírita	Baixada	Programa	Pista
<b>Ellen</b>	29	Umband.	São Conrado	Programa	Arredores de casa
<b>Fabiana</b>	27	Umband.	Lapa	Programa	Pista
<b>Fernanda</b>	19	Budista	São Conrado	Bicos	Arredores de casa
<b>Fiona</b>	60	Budista	São Conrado	Governanta	Arredores de casa
<b>Flávia</b>	29	Evangélica	Gardênia Azul	Bicos	Arredores de casa
<b>Gabriela</b>	32	Católica	Gardênia Azul	Bicos	Pista

<b>Georgia</b>	32	Umband.	Gardênia Azul	Programa	Pista
<b>Ingrid</b>	34	Católica	Gardênia Azul	Bicos	Pista
<b>Jeanna</b>	32	Evangélica	Gardênia Azul	Programa	Pista
<b>Juliana</b>	27	Umband.	Gardênia Azul	Programa	Pista
<b>Lara</b>	28	Umband.	Gardênia Azul	Bicos	Arredores de casa
<b>Larissa</b>	27	Católica	Lapa	Programa	Pista
<b>Ludmila</b>	29	Católica	Lapa	Bicos	Arredores de casa
<b>Michele</b>	31	Evangélica	Baixada	Programa	Pista
<b>Monique</b>	57	Espírita	Jacarépaguá	Bicos	Pista
<b>Paloma</b>	31	Espírita	Baixada	Programa	Pista
<b>Patrícia</b>	32	Candombl.	Lapa	Programa	Pista
<b>Renata</b>	32	Umband.	Lapa	Programa	Pista
<b>Roberta</b>	28	Espírita	Lapa	Programa	Arredores de casa
<b>Sabrina</b>	27	Espírita	Lapa	Programa	Arredores de casa
<b>Stephanie</b>	29	Candombl.	Lapa	Programa	Arredores de casa
<b>Tatianne</b>	31	Evangélica	Lapa	Programa	Arredores de casa



Zafira	30	Candombl.	Lapa	Programa	Arred. Casa
--------	----	-----------	------	----------	-------------

### 5.1.2. Questionário

#### 1) O que significa a religião para você?

Três declararam que nada significava. Era apenas mais uma mostra de sociedade de que eram excluídas, já que geralmente os religiosos (principalmente cristãos) as tratavam como inferiores ou pecadoras.

Trinta e sete travestis declararam que era importante em suas vidas, já que era um contato com Deus. Sublinho aqui que, às vezes, se referiam especificamente a religião, às vezes a Deus em si.

#### 2) Possui algum a religião?

Trinta e sete responderam que sim;

Três responderam que não, em primeiro momento. Depois, declararam acreditar em Deus e, finalmente, serem de origem cristã.

#### 3) Quais religiões?

Nove cristãs católicas;

Nove cristãs reformadas (evangélicas);

Sete umbandistas;

Sete candomblecistas;

Cinco espíritas;

Duas budistas;

Uma *wicca*.

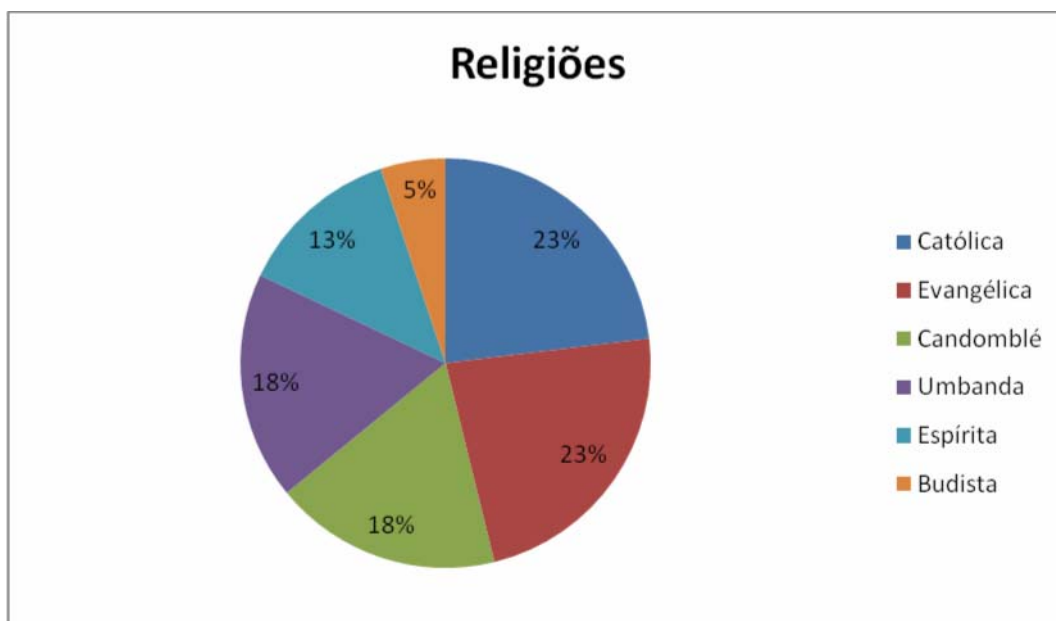


Gráfico I: Percentual das religiões das travestis.

#### 4) Frequentam espaços religiosos?

Três católicas declararam que sim;

Quatro evangélicas declararam que sim;

Duas candomblecistas declararam que sim;

Uma umbandista declarou freqüentar;

Uma espírita declarou freqüentar;

Duas budistas declararam freqüentar;

Uma *wicca* declarou não freqüentar<sup>51</sup>.

<sup>51</sup> No entanto, é importante frisar que os cultos *wicca* não são necessariamente realizados em templos; geralmente, são realizados dentro de casa ou em lugares ligados à natureza, como parques e florestas. Além disso, para serem realizados, não precisam necessariamente de várias pessoas. A religiosa pode realizar o

## 5) Sente-se aceita nesta religião?

Nove católicas declararam que não;  
Nove evangélicas declararam que não;  
Sete candomblecistas declararam que sim;  
Sete umbandistas declararam que sim;  
Cinco espíritas declararam que sim;  
  
Duas budistas declararam que sim;  
  
Uma *Wicca* declarou que sim.

## 6) Sente-se aceita pelos membros desta religião (líderes e leigos)?

Nove católicas declararam que não;  
Nove evangélicas declararam que não;  
Sete candomblecistas declararam que sim;  
Sete umbandistas declararam que sim;  
Cinco espíritas declararam que sim;  
Duas budistas declararam que sim;  
Uma *Wicca* não soube responder, visto que só conhece outras via Internet.

## 7) Sente-se parte da comunidade religiosa?

Nove católicas declararam que não;  
Nove evangélicas declararam que não;  
Cinco candomblecistas declararam que sim; duas que não;  
Sete umbandistas declararam que sim;  
Duas budistas declararam que sim;

---

ritual, sozinha. Na pesquisa, não encontrei nenhum templo *wicca* na cidade do Rio de Janeiro.

Uma *Wicca* não soube responder.

8) O que significa este pertencimento/ ou não pertencimento em sua vida?

Resposta: Não pertencimento.

Nove católicas – Apenas mais uma exclusão;

Nove evangélicas – Apenas mais uma exclusão.

Resposta: Pertencimento.

Sete umbandistas – Oportunidade de pertença;

Sete candomblecistas – Oportunidade de pertença;

Cinco espíritas – Oportunidade de entendimento de sua condição;

Duas budistas – Oportunidade de pertença;

Uma *Wicca* – ainda não sabe responder; mas almeja uma oportunidade de pertença.

9) Este pertencimento pode levar a alguma mudança em sua vida?

Umbanda – Aumento de auto-estima;

Candomblé – Aumento de auto-estima;

Espírita – Aumento de auto-estima;

Budista – Aumento de auto-estima;

*Wicca* – Ainda não sabe responder.

### 5.1.3. Análise dos dados

Para a maior parte das travestis, a religião era importante; representava algo em que se apoiar, em caso de necessidades. Como no seguinte relato:

“Muitas vezes, quando saímos na rua, sei lá, a gente é tão atacada... a gente sai na rua de noite, nem sabia se voltava para casa... Ficava pensando ‘Deus, me ajuda’... a gente tinha fé nele... senão, sabe como é, com o resto das pessoas maltratando a gente, xingando, humilhando... é muito difícil, sabe...” (Alessandra, 32 anos).

#### Outra travesti:

“A minha família era religiosíssima. Sempre foi. Agora não tenho mais meu pai e minha mãe (...) um dos fatores principais na família era assim (...) aquela congregação da família para a religião. Então eu, desde muito criança, sempre tive essa... não é tendência... eu vivi a minha vida principalmente em torno da Igreja (...) católica (...) desde criança eu tinha uma elevação espiritual” (Monique, 57 anos)<sup>52</sup>.

A maior parte das travestis entrevistadas declarou-se de religião cristã (seja na vertente católica, seja da protestante). O fato não é surpreendente, visto que a população brasileira é predominantemente cristã (IBGE, s/d). Além disso:

- vários estados e cidades do Brasil ostentam nomes cristãos (São Paulo, São Sebastião do Rio de Janeiro);

- os feriados nacionais têm origem também em festas cristãs: Carnaval (período anterior à Páscoa); Páscoa, referente à Paixão e morte de Cristo (que tem origem no judaísmo); Natal; *Corpus Christi* (corpo de Cristo na Eucaristia); Festa do Senhor Morto; Feriado de nossa Senhora Aparecida (em homenagem à imagem que seria milagrosa, encontrada em rio de São Paulo).

---

<sup>52</sup> Ela era católica, mas atualmente segue a doutrina espírita.

Portanto, a origem cristã das travestis não causou estranhamento; elas geralmente vêm de famílias do interior, em que festas religiosas católicas e missas de domingo são as grandes atrações das pequenas cidades, ainda nos dias de hoje.

Apesar do discurso segregacionista de líderes religiosos cristãos (no tocante à homossexualidade), muitas continuam a ser cristãs, embora quase não frequentem igrejas. Segundo o pastor Retamero (em entrevista no ano de 2008), há travestis que, disfarçadas, cobertas por mantos, frequentam missas e cultos, assistindo no fundo dos templos e saindo antes das celebrações terminarem, para não serem discriminadas. Muitas também seguem as religiões afro, mas são poucas as que efetivamente frequentam os espaços. Em nenhum templo, efetivamente constatei a presença de alguma; tampouco os frequentadores destes espaços souberam da presença de algumas delas em algum momento de suas idas aos cultos.

Esta afirmação se coaduna com a de Kulick (2008) que escreveu que, embora as travestis se denominassem candomblecistas ou umbandistas, não conheceu nenhuma que frequentasse os terreiros. Embora a linguagem destas duas religiões esteja presente no falar das travestis. Os termos que elas usam no dia-a-dia são de origem, geralmente, destas religiões: como *mona*, que quer dizer mulher falsa (Duque, 2005).

Segundo alguns pesquisadores, como Kulick (2008), as travestis e outros excluídos por sua orientação sexual migram para os cultos afro-brasileiros. Há, realmente, várias que o fazem; no entanto, parece mesmo não ser a sua esmagadora maioria<sup>53</sup>.

Todas as cristãs declararam serem mal recebidas em igrejas:

---

<sup>53</sup> Santos (2008) também observou algo semelhante (visto que constatou na população LGBT em geral e não tem dados específicos sobre travestis) este fato. Apoiado em estatísticas da Parada Gay de São Paulo, de 2005 (na qual se estima em apenas 6% dos participantes como candomblecistas e umbandistas), também percebeu que a maior parte do público LGBT ainda se diz católica ou protestante.

“Várias vezes, quis ir em igreja mas a gente sempre é mal visto... pessoal fica olhando a gente... fica com medo de entrar, ser mal-tratada...” (Alessandra, 32 anos).

“Quando era pequena, ia sempre nos domingos, assistia missa, tomava benção do padre... mas depois que me assumi, a coisa ficou diferente... Padre, pastor, esse pessoal não gosta da gente, não respeita a gente... chama a gente tudo de filho do diabo, pecador, que vamos para o inferno... o inferno é aqui mesmo, a gente paga aqui” (Brigitte, 34 anos).

Poucas são as candomblecistas que efetivamente freqüentam terreiros:

“Vou muito de vez em quando... só quando estou com vontade. Mas sigo direitinho o que meu orixá me manda... sou uma filha muito obediente (risos). Mas não costumo ir muito não...” (Patrícia, 32 anos).

O mesmo se dá com as espíritas. Apenas uma entrevistada freqüenta com regularidade os centros:

“Sim, vou nas sessões... foi no espiritismo que aprendi o que acontece comigo. Foi lá que entendi o que eu sou. Freqüento quando dá, mas fico com medo quando tem espírito baixando. Sei lá, fico com medo. Pessoal chama de sessão de descarrego e tal... mas gosto de ir para assistir as palestras que falam sobre o por que da gente tá aqui, pagando pelo que a gente fez em outras vidas. Passo a entender muita coisa lá quando eu vou, lá no Centro” (Sabrina, 27 anos).

A travesti *wicca* não freqüenta espaços:

“O culto *wicca* é diferente. A gente faz sozinha ou se reúne em algum lugar, mata, matinha, com árvores. Não se encontra em lugares, igrejas essas coisas não. Mas o meu grupo, que estou

conhecendo, é pela Internet. Não conheço pessoalmente. Nunca encontrei ninguém, só por Orkut mesmo” (Aline, 31 anos).

Sobre aceitação, assim se declararam algumas cristãs:

“Tem que saber que uma coisa é Jesus, outra é igreja. Jesus me fez assim, desse jeito, maravilhosa, feminina. Agora, os padres dizem que sou filha do pecado, que vou para o inferno... Isso não aceito não. Sou filha de Deus, Deus me ama como eu sou. Sou verdadeira comigo e com Jesus. Ele não ama a todos que o seguem? Então, Ele me ama. Eu sigo o meu mestre” (Carolina, 32 anos).

As travestis candomblecistas e umbandistas sentem-se aceitas:

“Me aceita sim. Não conheço muito da religião. Mas sei que sou filha de meu orixá, ele então me aceita. Dou minhas oferendas, não faço o mal, não fico querendo o mal das pessoas. Lá (no candomblé) a gente é bem aceito, não corre o risco de entrar e pessoal ficar querendo te expulsar, não, como acontece com esses crentes. Lá (no candomblé), não tem preconceito” (Patrícia, 32 anos).

“Não, não gosto de padre... Acham que sou filha do capeta, que vou para o inferno... Imagina, se vou confessar: Padre, pequei, fiquei com um negão maravilhoso (risos). Iam me expulsar. Não, eles odeiam a gente, tratam mal. Não soube do caso da travesti que foi estrangulada pelo padre outro dia? Saiu no jornal. Você não lê jornal?”

P: “Sim, li algo a respeito, mas o jornal (da Internet) não tinha muitos detalhes”.

“Eh, a mona quis ir lá, quis freqüentar. Não sabe que pessoal não gosta de travesti. Deu briga, o padre expulsou ela do altar. Uma coisa horrorosa. Mas comigo nunca aconteceu, não. Nos terreiros, é diferente... sou aceita nos terreiros.”



(Bárbara, 28 anos).

As cristãs sentem-se filhas de Deus, mas não parte da comunidade:

‘Sabe, sou filha de Deus, você também é, todo mundo é, sabe? Mas não frequento reuniões de igreja. Eles iam me expulsar de lá, iam olhar de cara feia. Não, isso não. Mas sou parte da família de Deus, sabe? Você também é, não é? Você é cristão?’  
(Amanda, 29 anos).

Poucas travestis efetivamente frequentam terreiros de Candomblé:

“Sou do blé (Candomblé), faço oferendas, tudo direitinho. Mas não costumo ir, nem sei quem vai nos terreiros. Das minhas amigas, acho que nenhuma vai, mas não te dou certeza disso. Não sou parte (da comunidade), não” (Stephanie, 29 anos).

Foi constatada a importância dos espaços religiosos, já que são poucos os espaços possíveis para as travestis. A ‘pista’ aparece como sendo um local de socialização importante, não apenas para as travestis que se prostituem.

“A travesti enfrenta tanta coisa na vida. Você não faz idéia. É tanta gente que não quer a gente. Gente sai de dia, vai fazer compra, coisa simples, uma comprinha de pão. Pessoal olha estranho, vira a cara. Outro dia, fui comprar coisinha pouca mesmo, pão, manteiga, essas coisas. Encontrei um ... que tinha saído numa noite. Ele fingiu que não viu, ficou vermelho, saiu de perto. Fiquei mal, saí dali logo. É muita gente contra, sabe? Aí, quando vai no terreiro, vê o pessoal sem te xingar nem nada. Sabe, tem pessoal de mente pequena, eles as vezes riem quando a gente passa e tal, mas depois aceita. É bom poder ir em outros lugares, sabe?” (Lara, 28 anos).

“É super-importante para mim. Tem poucos lugares... tem quase nenhum lugar que posso ir sem ser discriminada. O lugar

que mais vou é de noite, visitar umas amigas que ainda estão nas ruas. Elas, no intervalo, a gente fica conversando, fica vendo os bofes. Sabe que até hoje quando saio o pessoal fica me olhando? Fica mandando beijinhos, chamando de ‘meu bem’. É muito bom a gente ser admirada. É um local bom, aumenta a nossa auto-estima. Nos outros lugares, a gente nem entra. Conheço uma travesti, deve ter o que, uns vinte anos de idade. Nem sai do quarto. Pede para um garotinho, não tem nada com ele não, paga para ele comprar sanduíche nas padarias, ela tem tanto medo de sair, de ser atacada, de xingarem ela, coitada. Comigo já aconteceu. Mas sempre enfrentei. Não tenho vergonha de ser quem eu sou (...) As pessoas acham que travesti gosta só de ficar na rua, de noite. Também gosta, é verdade. Mas na rua ela é...como posso... respeitada, recebe carinho. Em outros, ih, nem conto... é tanta coisa ruim. Tanto xingamento... não tem muito para onde ir” (Larissa, 27 anos).

“Tem uma travesti que conheço, não sou eu não, que tem boa situação. Tem ... veste bem, elegante, chique de doer. Não precisa vir sabe (para a ‘pista’). Mas, aí, não tem o que fazer. Fica sozinha em casa, vendo televisão. Vem para cá (para a ‘pista’) para não ter solidão. Aqui, encontra as outras, dá conselho para as travinhas... ensina como fazer para pegar um bofe com dinheiro. Se sente útil. Em casa, sozinha... para onde ela vai? Cinema? Com quem?” (Stephanie, 29 anos).

“É bom ter gente que aceita a gente. O pessoal de lá (do terreiro) é legal, vê a gente como gente. Acaba sendo um lugar legal, que encontro até as outras monas, a gente fica lá e depois sai juntas, sabe. A travesti tem poucos lugares ... não vai em qualquer lugar, sabe, não porque a gente não quer... é que... é tanta gente, sabe... tanta gente maltratando a gente. Desde quando descobri quem eu era, quando tinha seis anos, pessoal lá de casa, todo mundo, me tratava que nem... que nem... que nem eu não prestasse. Mas por que? Só porque eu era diferente? (...)

Então, algum lugar que aceita a gente, qualquer um, já faz a gente ficar melhor sabe. Faz ter esperança de que as coisas mudem. Tem até *trans* que recebe ajuda do governo... então, porque nós não? (...) Ter alguém que aceite a gente, como a gente é... isso é bom, aumenta a estima... aí, fica uma ‘alta-estima’...” (Georgia, 32 anos).

“Ah todo mundo me aceita. Sou uma deles. O Budismo prega isso. Uma floresta tem muitas árvores. Tem árvore que dá maçã, árvore que dá pêra, árvore que dá manga. São diferentes, né? Mas são todas árvores. O Budismo vê isso. Todo mundo é aceito, se for gay ou não. Então, pessoal me aceita. Sou uma das líderes femininas. Deixa te explicar: O Budismo, têm várias áreas; a do Leblon, de Botafogo, de São Conrado. A gente se reúne de vez em quando. Tem as reuniões dos homens e das mulheres. Eu sou das mulheres. Reunião, que eu digo, como você está vendo, só de mulheres. São as líderes do budismo. A gente se reúne na casa de uma companheira, faz as orações e depois discute sobre o que vamos fazer, como aceitar novas pessoas que querem ser budistas...” (Fiona, 60 anos).

“Se pudesse, não vinha só aqui (na ‘pista’). Tinha vontade de estudar... se fosse fazer (faculdade), acho que seria enfermeira ou advogada... Mas, como, né, nem tenho escola completa... é mesmo sonho...” (Domênica, 30 anos).

As travestis referem-se ao espaço da ‘batalha’ como fundamental em seu aprendizado da vida *trans*. É um local importante de sociabilidade com outras travestis e com outros segmentos da população (como possíveis maridos e clientes).

A “pista”, embora local de aprendizado e convívio social por excelência para elas, também é o local aonde sofrem violência; dos policiais, dos rapazes que

passam de carro ou moto e jogam garrafas, tacam pedras, dos clientes que não pagam<sup>54</sup>.

Vinte e nove entrevistadas relataram ganhar a vida como garotas de programa, enquanto oito disseram que não; sua renda advém de outras fontes, sendo principalmente de faxina e lavagem de roupa para vizinhos. Uma apenas relatou ganhar seu sustento como governanta, em uma mansão na zona oeste carioca. Das que se prostituem, sete travestis (que se denominaram cristãs) afirmaram sentir culpa pelo fato; as de outras religiões, embora não se orgulhem, não verbalizaram algum sentimento de culpa. Uma travesti que não mais se prostitui afirmou que foi o único meio de sustento possível naquela época e não se envergonha do fato.

“Eu trabalhei sim (fazendo programa)... Não tinha dinheiro, não tinha quem me ajudasse, tinha que me sustentar, né? Não me arrependo... foi meu ganha-pão, foi assim que sobrevivi... mas hoje não faço mais, tenho outros trabalhos...” (Stephanie, 29 anos).

Nas etnografias, foi constatado que as travestis entrevistadas, na maioria, vivem na prostituição<sup>55</sup>. Há aquelas que são *todas feitas* (Benedetti, 1997), isto é, aquelas que conseguiram moldar o corpo de forma mais feminina que as outras. Estas conseguem os clientes que pagam melhor; trabalham em locais mais privilegiados das ruas, como nos casos relatados por Neves et al (2007), nos quais as travestis trabalhavam na zona alta das ruas, em contraposição as que moravam na baixa.

As que não alcançaram esse status mais feminino, as mais pobres, trabalhavam em locais piores, em que havia maior possibilidade de agressão. Geralmente, moravam em locais humildes, dividindo vagas em quartos, com

---

<sup>54</sup> Fato também constatado por Neves et al (2007).

<sup>55</sup> Como visto em Silva (1993), por exemplo.

outras travestis. Cuidando da pensão, havia geralmente outra travesti mais velha (que já não se prostituía) e que tinha a função de mãe e de cafetina, muitas vezes.

Vinte e cinco travestis elegeram a “pista” como o principal meio de sociabilidade delas. quinze elegeram outros locais, como arredores de casa (barzinhos e parques), mas nenhum local privilegiado como ‘o’ principal.

Mesmo travestis que não se prostituem declararam ainda percorrer os locais ‘da batalha’, para rever amigas e mesmo serem apreciadas por transeuntes:

“Eu não faço programa... Mas quando é noite, não tem nada para fazer... dou uma volta pelas ruas, encontro as amigas para bater papo... Pessoal pensa que estou fazendo programa, mas não estou não, sabe... Mesmo assim, tem muita gente que vem, chama ‘bonita’, ‘gostosa’ ah lá em casa ... me sinto bem” (Gabriela, 32 anos).

O gueto (‘pista’ travesti) permite algum tipo de inclusão; é uma inclusão “precária, instável, marginal” (Castel, 1998, p. 576). Ainda assim, é uma inclusão.

“A exclusão não é uma ausência de relação social, mas um conjunto de relações sociais particulares da sociedade tomada como um todo. Não há ninguém fora da sociedade...” (idem, p.568).

As travestis também relataram querer outros espaços de socialização, como universidades, por exemplo<sup>56</sup>.

Além disso, há cada vez mais travestis participando de outras atividades e ganhando mais espaços, mais visibilidade em espaços nunca antes pensados<sup>57</sup>.

---

<sup>56</sup> Como constatado também por Silva (1993).

#### 5.1.4. Igrejas inclusivas

Embora as igrejas cristãs inclusivas tenham a proposta de acolhimento do público *trans*, nestas não foram encontradas travestis (apenas transexuais). Segundo Retamero (2008), como já explicado, elas teriam receio de serem vítimas de preconceito por sua orientação sexual, como nas demais Igrejas cristãs, além do ressentimento oriundo deste fato.

Outro ponto, segundo entrevista com Pastor Márcio Retamero (2008), é que a prostituição é ainda um meio principal de vida das travestis. As Igrejas inclusivas aceitam a diversidade sexual, mas repudiam a prostituição. Como as travestis poderiam procurar essas igrejas se possuem receio de novamente sofrerem preconceito por causa da prostituição que praticam. Sem outras condições favoráveis de renda, não tem como sair da prostituição. Portanto, passa a ser impraticável a conciliação desses dois fatores. Uma proposta apresentada pelo Pastor Márcio Retamero (durante entrevista em 2008) seria não tocar no tema da prostituição, caso houvesse alguma travesti presente. Quando a igreja possuísse condições financeiras para dar abrigo (moradia) para elas e financiar estudos (como cursos de especialização), aí sim poderia falar sobre o ‘erro’ da prostituição. Mas isto só seria feito se conseguisse efetivamente propiciar uma saída da prostituição; caso contrário, isto afastaria definitivamente a travesti do convívio da igreja.

Ao ter contato com as igrejas inclusivas, percebi que havia um número expressivo de homossexuais que não queriam romper seus vínculos com a religião, o que foi confirmado também por Natividade (2008). Como é encontrado na fala de Flávia, freqüentadora de uma das igrejas inclusivas, em entrevista concedida na Lapa (2008):

---

<sup>57</sup> Como a travesti Patrícia Araújo, que desfilou em janeiro de 2009, no *Fashion Rio* (A Capa, 2009) e a cearense Luma Andrade, a primeira travesti a cursar um curso de Doutorado, no Brasil (FolhaOnline, 2009). Sua tese será sobre a violência sofrida por travestis nas escolas.

“Entrar para a Betel foi como ‘voltar para casa’. Eu era de igreja católica e fui me afastando aos poucos, por causa da minha condição lésbica, até o afastamento total. Só voltei ao Cristianismo após entrar para a Betel, há dois anos. Soube pela Internet de uma reunião de fundação de uma nova igreja e fui ver. De lá para cá, nunca mais sai” (Flávia, 35 anos).

Portanto, se os homossexuais e lésbicas queriam manter contato com a religiosidade, porque isto não aconteceria também com as travestis? Não havia estudos sobre o tema porque inexistia o eixo travesti/religião ou não tinha sido pensada como possível ou relevante em termos de estudo e pesquisa?

Optei pela segunda hipótese. As travestis possuíam sim desejo de ter alguma religião. Este fato foi reforçado na fala do Pastor Márcio, em entrevista na Igreja Betel. Segundo ele, as travestis que conheceu são extremamente religiosas, mas não encontram locais adequados para expressarem a sua religiosidade. Contou sobre casos de travestis que freqüentam missas católicas e cultos evangélicos. Para fazê-lo, vestem de forma discreta e sentam-se nos últimos bancos das igrejas. Antes do final da missa/ culto, saem escondidas, para não serem identificadas e novamente excluídas, fato que também foi constatado por Trasferetti (1998).

## 5.2 Líderes religiosos

### 5.2.1 Quadro II: Líderes religiosos – religião, idade e localização

Nome	Religião	Idade	Localização
Alan	Católica	51	Barra
Cláudio	Católica	57	Barra
Emerson	Católica	53	Gávea

<b>Gabriel</b>	Católica	44	Gávea
<b>Ildo</b>	Católica	47	Gávea
<b>Batista</b>	Reformada	37	Tijuca
<b>Diógenes</b>	Reformada	35	Tijuca
<b>Flávio</b>	Reformada	49	Maracanã
<b>Hiran</b>	Reformada	47	Maracanã
<b>Janio</b>	Reformada	38	Maracanã
<b>Ricardo</b>	Umbanda	39	Botafogo
<b>Severino</b>	Umbanda	36	Botafogo
<b>Cleison</b>	Umbanda	39	Botafogo
<b>Jorge</b>	Umbanda	35	Vila Isabel
<b>Jamião</b>	Umbanda	35	Vila Isabel
<b>Marcel</b>	Candomblé	31	Lapa
<b>Manoel</b>	Candomblé	39	Lapa
<b>Josué</b>	Candomblé	37	Lapa
<b>Marinildo</b>	Candomblé	31	Centro
<b>Renato</b>	Candomblé	34	Centro
<b>Mário</b>	Espírita	41	Tijuca
<b>Cláudio</b>	Espírita	39	Tijuca
<b>Jamil</b>	Espírita	35	Bonsucesso
<b>Martinho</b>	Espírita	39	Bonsucesso



<b>Carlos</b>	Espírita	45	Bonsucesso
<b>João</b>	Budista	37	Botafogo
<b>Joana</b>	Budista	29	Santa Tereza
<b>Carla</b>	Budista	32	Leblon
<b>Clara</b>	Budista	37	Leblon
<b>Tereza</b>	Budista	41	Leblon
<b>Carla</b>	<i>Wicca</i>	29	Ipanema
<b>Márcio</b>	Cristã Inclusiva	36	Lapa
<b>Marcos</b>	Cristã Inclusiva	35	Lapa

### 5.2.2. Questionário

- 1) O que você pensa acerca das travestis? São pessoas como as outras, mas com peculiaridades? São doentes? São pessoas com desvios emocionais e/ ou espirituais?

Cinco padres pensam terem desvios emocionais;

Cinco pastores pensam que são pecadores (desvios espirituais);

Cinco umbandistas pensam que são pessoas com desvios emocionais;

Cinco candomblecistas pensam que são pessoas com desvios emocionais;

Cinco espíritas pensam que são pessoas com desvios espirituais (pagando o karma);

Cinco budistas pensam que são pessoas como as outras, mas com peculiaridades;

Uma wicca pensa que são pessoas como as outras, mas com peculiaridades;

Dois de igrejas cristãs inclusivas pensam que são pessoas como as outras, mas com peculiaridades.

2) Conhece alguma travesti de sua religião?

Cinco padres não;

Cinco pastores não;

Dois umbandistas sim;

Três umbandistas não;

Quatro candomblecistas sim;

Um candomblecista não;

Cinco espíritas não;

Uma wicca não.

Um líder de igreja inclusiva não; mas conhece cristãs<sup>58</sup>;

Um líder de igreja inclusiva não.

3) Alguma travesti frequenta sua igreja/ templo/ terreiro/ centro?

Cinco padres relataram que não;

Cinco pastores relataram que não;

Cinco umbandistas relataram que não;

Cinco candomblecistas relataram que não;

Cinco espíritas relataram que não;

Cinco budistas relataram que sim;

Uma wicca relatou que não conhece nenhuma que frequente os encontros em florestas;

---

<sup>58</sup> Este aparte foi feito, já que as religiões inclusivas são derivadas da religião cristã reformada.

Dois de igrejas inclusivas relataram que não.

- 4) Caso freqüente (ou caso freqüentasse), com você vê (veria) isso? Aceita (aceitaria)? Não aceita (aceitaria)? Alguma condição para a freqüência?

Cinco padres não sabem se aceitariam;

Cinco pastores aceitariam, caso procurassem 'libertação espiritual';

Cinco umbandistas aceitariam; teriam que se portar apropriadamente;

Cinco candomblecistas aceitariam; teriam que se portar apropriadamente;

Cinco espíritas aceitariam;

Cinco budistas aceitam;

Uma *wicca* aceitaria nas reuniões;

Dois de igrejas inclusivas aceitariam.

### 5.2.3. Análise dos dados:

Um problema na pesquisa, quando das perguntas<sup>59</sup>, foi a identificação da identidade das travestis. As pessoas geralmente identificavam qualquer homem com algum apetrecho feminino como sendo travesti e muitos não sabiam identificar a diferença entre transformista, transexual e travesti. Teve que ser explicado, pelo entrevistador, as diferenças entre estas (já mencionadas no cap. 1).

Os cinco líderes católicos relataram não ter contato com este grupo. Caso tivessem, não as acolheriam da mesma maneira que os demais fiéis, visto que sua condição é um distúrbio e necessitava de tratamento, assim como geralmente o é a homossexualidade em geral. A sua posição é essencialista<sup>60</sup>.

<sup>59</sup> Problema tanto em relação aos líderes quanto em relação aos leigos. Todos os líderes e leigos (as) entrevistados (as), excetuando-se um pastor de igreja inclusiva, mostraram desconhecimento sobre as diferenças entre travestis e transexuais, necessitando de uma explicação por parte do entrevistador.

<sup>60</sup> O conceito de essencialismo, que surgiu com Platão (Sousa, 2008), refere-se à crença em uma essência verdadeira que seria irredutível e imutável.

Os cinco evangélicos disseram também não ter contato com o grupo. Caso tivessem, indicariam-nas para tratamento psicológico e espiritual, como fazem geralmente com os gays e lésbicas que freqüentam suas igrejas/ templos. Com o grupo tanto travesti quanto gays e lésbicas, ocorre algo denominado ‘obsessão diabólica’ que as leva á homossexualidade, que, afinal, é contrária á lei de Deus. Um tratamento é necessário para que se ‘libertem’ desta condição. A posição também é essencialista.

A fala dos umbandistas foi a mesma daquela dos cinco candomblecistas; os cinco as aceitariam, contanto que se vestissem de forma apropriada, discreta, de forma mais masculina; de preferência, de jeans.

“Em roça de respeito, tem que se vestir de forma... que respeite os orixás. Porque... a gente aceita, não tem nenhum... mas é necessário se vestir assim... se nasceu homem, se veste que nem homem. Se nasceu mulher, a mesma coisa. Tem que ter respeito” (Josué, 37 anos).

Os cinco espíritas aceitariam e ensinariam o evangelho kardecista, que prega que sua condição *trans* se deve a um pagamento de um *karma* oriundo de vida pregressa. Mas é dever aceitar as travestis, já que são seres humanos sofredores e estão aqui para expurgar seus ‘erros’ passados; portanto, são indivíduos que necessitam de ajuda e os espíritas devem auxiliá-los para que evoluam espiritualmente.

Os budistas aceitam, assim como aceitam a todos; a travesti poderia, inclusive, ser um Budha, isto é, um ser iluminado. Sua condição *trans* em nada impediria isto.

“O budismo aceita a todos. Porque todos temos, dentro de nós, o potencial da iluminação... de sermos seres iluminados espiritualmente (...) É como se fosse uma floresta; lá, tem várias

árvores diferentes... a que dá pêssegos, a que dá maçã... são diferentes, mas todas fazem parte da floresta. Assim é nossa filosofia” (João, 37 anos).

Na *wicca*, apenas uma foi encontrada e contactada; aceitaria sem reservas:

“Não somos nós que escolhemos o caminho; não somos nós que escolhemos ser ou não bruxas. Não adianta você procurar, porque, se não for escolhido, não será (bruxa) (...) é a Deusa que nos escolhe. Então, quem somos nós para discordar daquilo que a Deusa escolheu?” (Carla, 32 anos).

Os pastores das igrejas inclusivas têm a proposta de aceitação de todo o público LGBT; aceitariam as travestis, como aceitam as transexuais que frequentam suas reuniões e cultos.

### 5.3. Leigos (as)

#### 5.3.1. Quadro III – Religião, número de entrevistados (as), idade, localização<sup>61</sup>

Religião	Número de entrevistados (as)	Idade (faixa)	Localização
Católica	10	30-45 anos	Zona sul

<sup>61</sup> Para que não ficasse extenso, no quadro está apenas um resumo esquemático dos leigos que foram entrevistados (Ver **Anexo I**).

<b>Protestante</b>	10	30-35 anos	Zona norte
<b>Umbandista</b>	10	30-35 anos	Zona norte
<b>Candomblecista</b>	10	30-40 anos	Lapa/ Centro
<b>Espírita</b>	10	30-40 anos	Zona norte
<b>Budista</b>	10	25-45 anos	Zona sul
<b>Wicca</b>	02	30-35 anos	Zona sul
<b>Inclusiva</b>	05	30-35 anos	Lapa/ Centro

### 5.3.2. Questionário

1) O que você pensa acerca das travestis?

Três católicas pensam que são doentes, precisam de ajuda;

Uma católica pensa que as travestis possuem desvios emocionais/comportamentais;

Seis católicos não possuem opinião formada pensam serem filhos de Deus como os demais cristãos;

Dez evangélicos pensam que são “pecadores” e precisam de “libertação espiritual” / ajuda;

Sete umbandistas pensam que deveriam se portar como homens, pois nasceram homens. Não sabem definir se é doença, mas certamente é um desvio;

Três umbandistas dizem não ter preconceito, pois são filhas dos orixás como todos;

Nove candomblecistas pensam que deveriam se portar como homens;

Um candomblecista não sabe o que pensar sobre o assunto;

Dez espíritas aceitam, pois são pessoas precisando de ajuda;  
 Dez budistas aceitam como iguais a todos; não há doença;  
 Uma *wicca* pensa que é desvio;  
 Uma *wicca* não tem opinião formada; aceitaria na sua religião.

2) Conhece alguma de sua religião?

Dez católicos afirmaram que não;  
 Dez evangélicos afirmaram que não;  
 Dez umbandistas afirmaram que sim;  
 Dez candomblecistas afirmaram que sim;  
 Dez espíritas afirmaram que não;  
 Oito budistas afirmaram que sim;  
 Dois budistas afirmaram que não;  
 Duas wiccas afirmaram que não.

3) Alguma frequenta sua igreja/ templo/ terreiro/ centro?

Dez católicos não;  
 Dez evangélicos não;  
 Dez umbandistas afirmaram que sim;  
 Dez candomblecistas afirmaram que sim;  
 Oito budistas afirmaram que sim;  
 Dois budistas afirmaram que não;  
 Dez espíritas afirmaram que não;  
 Duas Wiccas que não.

4) Caso frequente (frequentrasse), como você vê isso? Aceita (aceitaria)? Não aceita (aceitaria)?

Quatro católicos não aceitariam;  
 Seis católicos aceitariam, embora não soubessem como reagiriam;  
 Dez evangélicos aceitariam, caso fossem para tratar-se espiritualmente e mudarem sua orientação homossexual;  
 Dez umbandistas aceitariam;  
 Dez candomblecistas aceitariam;  
 Dez espíritas aceitariam;  
 Dez budistas aceitariam;  
 Uma *wicca* não sabe como se portaria;  
 Uma *wicca* aceitaria sem reservas.

### 5.3.3. Análise dos dados

Três católicas entendem a condição *trans* como doença; uma, como desvio comportamental. Seis as vêem como ‘filhas de Deus’, podendo ser aceitas. No entanto, reiteram que achariam ‘estranho’ a convivência com travestis.

“É, não sei se estaria... assim... preparada. É um pessoal que sofre muita discriminação e tal... Mas não sei como seria lá, do meu lado, cantando a Ave-Maria. Acho que não teria problema, mas acharia meio estranho. Se bem que depois a gente acostuma...” (Débora, 43 anos).

Dez evangélicos entendem como pecado; elas precisam de atendimento psicológico e espiritual para que sejam ‘curadas’, afinal Deus criou o homem e a mulher, e não os homossexuais. A sua posição é essencialista:



“Deus quando criou o homem, criou Adão e Eva; não criou Adina e Ivo. Criou o homem e a mulher. Não criou outro tipo. Não adianta querer dizer que não é uma aberr... um desvio, que é certo. Não é. Deus criou homem e mulher. Não criou gay, mulher que gosta de mulher... travesti, então, pior ainda. Quando nascem, é o que? Homem ou mulher, não? Então, se passam ‘para o outro lado’, deve ter algum problema sério. Não sei se é infância, você que é psicólogo deve saber explicar. Mas não, não é certo” (Andréa, 33 anos).

Dez umbandistas aceitariam, mas com ressalvas. As travestis, nos terreiros, deveriam se portar de maneira masculina, sem ‘afetação’. A posição é essencialista. Além disso, não poderiam ocupar posições cerimoniais dentro dos terreiros:

“A umbanda não é preconceituosa. É para todo mundo. Pode frequentar, não há problemas. Mas também, terreiro não é lugar de bagunça. Nasceu homem, tem que ir vestido de homem. Nasceu mulher, também. Pode ir, pode frequentar. Mas tem que se vestir de forma correta” (Natália, 30 anos).

“Não pode ser ekedy, não. Não é legal ... Se o cara não sabe quem é aqui na Terra, então também não sabe quem é no mundo espiritual. E para ser (ekedy), tem que ter uma personalidade certinha. Já pensou se recebe santo e acaba confundindo tudo por aqui? Não, é um papel de respeito, tem que ser sério...” (Liziane, 32).

Dez candomblecistas aceitariam, mas também com ressalvas. Deveriam se portar de maneira masculina, sem ‘afetação’. A posição é essencialista. Também não poderiam ocupar certas posições dentro dos terreiros.

“Aceitamos, o blé (candomblé) não é preconceituoso. É a religião dos excluídos. Mas tem que ter respeito na casa (terreiro). Não é para ir vestido de forma errada, tem que respeitar os santos” (Luana, 31 anos).

Dez espíritas aceitariam, já que têm o dever de ajudar os outros que estão pagando algum *karma*. A posição é essencialista.

“É dever do *kardecista* ajudar os irmãos a encontrarem a luz, o caminho. É muito triste a situação deles. Querem ser aquilo que não são, não nasceram... assim... não nasceram desta maneira. O *kardecista* tem que aceitar, ajudar os irmãos em necessidade. Mas é difícil. Gay e lésbica, ainda vá lá. Travesti já é mais difícil, mas também pode ser aceito” (Angélica, 31 anos).

Uma *wicca* não sabe se aceitaria. Se aceitasse, não pensa que poderia ocupar uma função como sacerdotisa, por exemplo; poderia ‘macular’ a imagem que os outros têm da religião *wicca*. A outra entrevistada aceitaria, já que não é a pessoa que escolhe ser *wicca*, mas sim ela é escolhida.

“Você não escolhe ser bruxa. Não é você quem escolhe. É a feitiçaria que te escolhe. Não precisa sair procurando; ela quem vai te escolher, que vai te dizer se você é bruxa ou não. Se você for, ela te encontra. Então, se ela escolheu a travesti para ser bruxa, (a travesti) pode ser” (Karen, 31 anos).

Para concluir, há traços que indicam que os católicos estão questionando a homossexualidade (em geral) como algo pecaminoso e/ ou doentio; há, pelo menos, a possibilidade de um debate sobre o tema, com questionamentos sobre o

que ensina a religião católica e a Bíblia. No entanto, para alguns, uma visão de que é distúrbio ainda parece imperar.

Os evangélicos reafirmam a visão de que é a travestilidade é pecaminosa e que as travestis precisam de tratamento; não há um questionamento sobre este dado.

Os umbandistas e candomblecistas, embora aceitem, possuem muitas reservas. As travestis, para freqüentarem, têm que se portar de maneira masculina e não feminina. Além disso, não devem ocupar cargos na hierarquia de suas religiões. Os que ocupam algum cargo são gays, que se vestem de forma masculina, mas nunca travestis, que ‘negam’ sua identidade inicial.

Os espíritas aceitam, mas com ressalvas, visto que as travestis são pessoas que precisam ser ‘curadas’. Portanto, estão em posição inferior, na escala evolucionista, *kármica*. A identidade *trans* é vista como sendo negativa, sendo necessária uma mudança para que não se perpetue o ‘erro’ do homoerotismo em outras vidas posteriores, o que ‘atrasaria’ o processo evolutivo de sua alma. Se o referido ‘erro’ não for expiado nesta vida, poderá se perpetuar nas próximas, por tempo indeterminado, com o conseqüente sofrimento por continuar a ‘ser’ travesti.

A *wicca*, teoricamente, aceita; no entanto, parece haver um receio de que, tendo uma travesti em seus quadros, a religião possa perder sua seriedade em relação às pessoas de outras religiões.

Assim, foi constatado que a posição essencialista é predominante, mesmo na maioria nas religiões ditas ‘mais abertas’, que seriam para todos<sup>62</sup>.

Nessas religiões, há a possibilidade de certa inclusão; no entanto, é uma inclusão perversa, na qual o indivíduo é aceito apenas parcialmente. Os atributos característicos deste são considerados negativos. Para ser aceito nos quadros destas instituições, é necessário que não revele aqueles (femininos), que os

---

<sup>62</sup> Excetuando-se as igrejas inclusivas.

mantenha disfarçados ou que os considere pejorativos, inferiores ou mesmo frutos de ‘erros’ ou desvios de conduta, passíveis de ‘conserto’.

Para justificar a *transfobia*, na maior parte das vezes, foi constatado o uso do argumento essencialista; isto é, de que o indivíduo deve portar-se exclusivamente de acordo com o seu sexo original (homem ou mulher). Qualquer outra maneira de manifestação identitária não é validade positivamente; teria em sua origem uma doença psicológica e/ ou problema de ordem espiritual. Há, portanto, necessidade de intervenção de alguma ordem para que se reestabeleça, no indivíduo *trans*, um comportamento adequado, segundo as regras da heteronormatividade, socialmente dominante.